



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6889 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 13 - Educação Fundamental

(RE)EXISTÊNCIAS AOS AUTORITARISMOS E DETERMINISMOS COM OS COTIDIANOS DE UMA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Lucas Borges Soeiro - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

Agência e/ou Instituição Financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

(RE)EXISTÊNCIAS AOS AUTORITARISMOS E DETERMINISMOS COM OS COTIDIANOS DE UMA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Pesquisar *com* os cotidianos de uma Educação Física Escolar (EFE) é viver a imanência do chão da quadra, os desafios da profissão docente e suas (re)existências frente os determinismos prescritivos e os autoritarismos requisiosos frutos das concepções e perspectivas históricas vividas por este componente curricular (BRACHT, 1999; FERRAÇO; ALVES, 2017).

Tratamos com a força dos fazeres-saberes tecidas com os *praticantes* (CERTEAU, 1996), como o jogo *Free fire* (jogo eletrônico on-line), junto ao ensino dos esportes, brincadeiras e jogos, articulou em uma EFE, potentes sentidos e problematizações a respeito da vida, no que tangem: as disputas de território, as tensões e as perversidades das relações de poder em torno dos colonialismos e suas perspectivas contemporâneas nas guerras e lutas sociais.

Nesse sentido, como marco metodológico apostamos na pesquisa nos/dos/com os cotidianos por sua dimensão político-epistemológica-inventiva (FERRAÇO; ALVES, 2017) pois, resistimos aos equívocos e a hegemonia da Base Nacional Comum Curricular enquanto política empresarial (FREITAS, 2018) pelos *usos e negociações* (CERTEAU, 1996) realizadas, as quais, partiram dos fluxos e afetos mobilizados pelos praticantes com as modalidades esportivas futebol e *dodgeball*, categorizadas, respectivamente, como esportes de invasão/territorial e esportes de precisão.

Diante o movimento *teóricoprático* com os esportes, o jogo *Free fire* surge com um disparador criativo em meio as nossas atenções pedagógicas, passando a abandonar o caráter de uma prática periférica e sobre tensão nos cotidianos da escola. Escapando da forma, relações curriculares outras com o jogo eletrônico e com os esportes eclodem:

O jogo free fire se baseia praticamente em um jogo de sobrevivência e proteção de si mesmo. Dentro dele há muitas coisas parecidas com os esportes de invasão porque no jogo temos que invadir os territórios, nos orientamos por um mapa. Além disso lá tem a área perigosa que é o campo adversário. Dentro do jogo também tem precisão, nosso alvo no jogo são sempre os outros jogadores, como no dodgeball, você tem que

acertá-los para eliminá-los do jogo.

O *Free fire* aparece com os cotidianos de uma Educação Física como uma perspectiva contemporânea de problematização aos colonialismos e seus traiçoeiros processos de dominação apresentados tanto historicamente quanto na própria lógica dos esportes.

Dentre a força inventiva, surge o jogo *Free fire* de quadra. Sua construção coletiva foi inspirada no *dodgeball*, nos jogos de queimada e no jogo de pique bandeira. Uma prática corporal tecida de sentidos na/da/com a escola...

A vida real e virtual são bastante diferentes. Na vida real é preciso seguir regras ou leis, como no jogo que criamos e os esportes na quadra, ou as brincadeiras, só que se elas forem descumpridas terão consequências. Já o jogo na vida virtual é bem diferente, porque você pode fazer tudo praticamente sem ser punido, tem menos regras, menos coisas proibidas e mais diversão. O jogo em geral tem relação com a realidade porque todos os dias tem mortes e guerras, o que tem a ver com a vida real, perto da gente e também longe, hoje em dia tem gente querendo invadir outros países, está tendo muitas violências.

Os traços da realidade contextual de violência e as referências as questões morais - do certo x errado; da punição x liberdade; da lei x crime – provocam reflexões que partem do jogo em tela e em quadra para questões acerca das lutas locais, nacionais e mundiais. Dentre elas, as étnico/raciais e de classe...

Na vida real sempre tem consequências. Muitas vezes as pessoas são presas, as vezes tem que pagar e, de vez em quando, a ... não acerta o alvo certo, o que já está errado, e o que é mais triste são as pessoas inocentes, quase sempre as negras. Isso acontece muito nas favelas do Rio de Janeiro e também por aqui mesmo, tem muitos tiros e violência. São as peças brancas contra as pretas, como no jogo de damas, na invasão dos portugueses com os índios aqui no Brasil, morte e crueldade... Deus me livre...

Da reflexão do conceito dos esportes de precisão na perspectiva do colega como alvo em movimento como nos jogos de *dodgeball* e queimada – práticas corporais tão populares nas ruas e quadras escolares - até a violência contra o *corpohumanonegroperiférico* nos territórios da própria brincadeira e fora dela. E continuamos conversando...

É, acho que o free fire só os adultos tinham que jogar, já vi muitas crianças brincando de arminhas falando que ia matar os outros igual o massacre em São Paulo por causa de jogo muitas pessoas estão morrendo...

O free fire não influencia os psicopatas a se matar e matar ninguém.

Psicopatas? Vamos pensar sobre essa palavra e o jogo...

É porque para mim o jogo é bom, não estimula a violência, apenas para os mais sensíveis a esse assunto de tiros, armas e sangue.

Quem seriam os mais sensíveis?

Professor, o free fire é um jogo que vicia e as pessoas as vezes leva para a vida, tipo mata os outros se você ficar revoltado, tipo com o Bullying, ai você mata todo mundo que você vê pela frente. Por outro lado, é um jogo muito bom mesmo, é um dos melhores do mundo.

Então vocês concordam que o jogo por si, ou seja, só jogar não vai fazer ninguém matar ninguém? Por isso, não podemos aceitar nenhum tipo de *bullying*, preconceito ou violência física, temos que falar!

Nessas conversas, as histórias de vida, as histórias do país e as violências, como o *bullying* e

o preconceito, nos levavam a muitas (des)construções e (des)aprendizagens sobre complexidade da vida. Inclusive, resistência as práticas e discursos perversos de morte, disseminados no atual cenário da política nacional:

No virtual podemos fazer muitas coisas que não podemos fazer na vida real como matar pessoas. Em alguns lugares não é proibido o cidadão ter arma, como nos Estados Unidos, porém no Brasil temos a política do desarmamento, por enquanto né... Vale a pena fazer uma crítica aos jogos. Será que os jogos incentivam a violência, sim ou não? A resposta dessa pergunta nos leva a várias questões e poucas respostas.

As férias agora vão perder muito a graça...

Nem tem mais horário de verão, o "presidente" tirou, nem dá pra brincar até mais tarde, gostei não...

Então escreve aí porque você acha que o verão e as práticas corporais não vão ser tão legais esse ano já que não tem mais o horário...

Eu não, depois ele me dá um tiro (rs)...

Rsrs, pode escrever, se alguém vai levar um tiro, esse alguém sou eu (rs)...

Pior ainda, se você levar um tiro quem vai dar aula pra gente ano que vem?...

Refletir como uma Educação Física escolar em suas práticas-políticas vividas tem subvertido fascismos é essencial. Desde o pós-ditadura e a entoada do movimento renovador, o componente curricular tem realizado inestimável esforço para mostrar a sua potência por meio dos elementos da cultura e da criticidade. (Re)existir aos fascismos do atual governo e a reforma empresarial da educação, calcada na nova direita com suas velhas ideias, é fundamental para superarmos a combinação do *autoritarismo social* e do liberalismo econômico que a "velha" Educação Física e o esporte já protagonizaram na escola (BRACHT, 1999; FERRAÇO; ALVES, 2017; FREITAS, 2018).

Palavras-chave: Educação Física. Pesquisa com os cotidianos.

REFERÊNCIAS

BRACHT, Valter. "A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física". **Caderno Cedes**, Campinas: Centro de Estudos Educação e Sociedade, p. 69-88, 1999.

CERTEAU, M. A invenção do cotidiano: **Artes de fazer**. Petrópolis: 1. Vozes, 1996.

FERRAÇO, C. E.; ALVES, N. G. A. Pesquisa com os cotidianos em redes de conhecimento. In: AMADO, J; CRUSOÉ. N. M. C. C (Orgs). Referenciais teóricos e metodológicos de investigação em educação e ciências sociais. Vitória da Conquista: **Edições UESB**, 2017, p. 149 – 166.

FREITAS, Luiz Carlos. A reforma empresarial da educação: nova direita, velhas ideias. São Paulo: **Expressão Popular**, 2018. 160 p.